

Entre territórios e identidades: narrativas de reconhecimento de migrantes e apátridas na série Pachinko (2022)¹

Vinicius Micheletto²

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Resumo

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre experiências de pertencimento e exclusão vividas por personagens migrantes e apátridas na série Pachinko (Apple TV+, 2022). A narrativa, ambientada entre Coreia, Japão e Estados Unidos ao longo do século XX, acompanha gerações de uma família marcada por processos de colonização, migração forçada e discriminação étnico-racial. Interessa aqui fomentar uma discussão, a partir de um produto audiovisual transnacional, que mobilize identidades atravessadas por fronteiras geopolíticas, línguas e pertencimentos instáveis.

Palavra-chave: produção seriada; k-drama; identidades; imigrantes; comunicação.

Introdução

Produzida e distribuída pela Apple TV+ em março de 2022, Pachinko (2022) é uma adaptação seriada - um k-drama -, hoje com duas temporadas e 16 episódios, do romance homônimo de Min Jin Lee. Com um título que remete às casas de jogo de azar do Japão que se assemelham ao pinball e aos bingos caça-níqueis, comumente administrada por famílias sul-coreanas, Pachinko reconhece, desde o seu título à sua produção, uma mescla de localidades.

Assim como a produção transnacional, sua narrativa também percorre múltiplos territórios linguísticos e culturais. A obra acompanha a trajetória da família Baek ao longo de quatro gerações, as quais nos são apresentadas em meio a conflitos das regiões e momentos em que vivem. A partir de uma mescla de temporalidades narrativas - sem seguir uma ordem cronológica linear -, acompanhamos, através do olhar dessa família, o período da colonização japonesa na Coreia do Sul, no começo do século XX; as migrações forçadas e as complexas relações daqueles considerados apátridas, no Japão pós-guerra; e a presença constante norte-americana em território japonês, já nos anos 1980.

¹ Trabalho apresentado no GP Ficção Televisiva Seriada, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista e mestrando em comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. E-mail: michelettovinicius@gmail.com

Toda a trama é vivida por Sunja, desde seu nascimento no vilarejo de pescadores de Yeongdo até a velhice - a maior parte da sua vida sendo residente no Japão. Durante o processo de colonização, Sunja é constantemente atravessada pelo apagamento da população sul-coreana, seja vivenciada por seus familiares e conhecidos próximos, ou diretamente por ela, durante sua infância e adolescência. Mais tarde, já grávida, Sunja vivencia um processo de migração, quando se muda para o território japonês. Desde a preparação para sua ida, o percurso, ou a vida que leva nos anos iniciais, a protagonista presencia, direta ou indiretamente, conflitos ligados à raça, à xenofobia e à perseguição ideológica.

Já em sua velhice, Sunja reconhece um futuro próspero, ainda que conflitante para seus descendentes, sobretudo para seu neto, Solomon. De família coreana, nascido no Japão, tendo estudado e atualmente trabalhando nos Estados Unidos, ele se torna central na narrativa por ser um personagem que vivencia as relações entre os países que atravessam sua vida.

Esta perspectiva humana, situada em grandes marcos históricos e atravessada por questões de conflitos étnicos e raciais, foi amplamente reconhecida pela crítica. Descrita pelo Rotten Tomatoes como “Complexa, mas íntima, uma produção épica e arrebatadora que captura o arco da história, bem como os laços duradouros de uma família.”³, *Pachinko* recebeu 97% de aprovação e foi bem-vista por diversas revistas e sites de cinema e cultura pop, como a Revista Vulture, nos Estados Unidos e a Omelete, aqui no Brasil; esta última que a coloca em um lugar de muito interesse para o trabalho, ao destacar:

No fim das contas, o trunfo de *Pachinko*, como o de toda novela, é que nós nos reconhecemos nela com muita facilidade. As questões de sangue, pátria, preconceito e autonomia que a série aborda são extremamente específicas, mas os sentimentos que elas levantam são irremediavelmente universais. (COLETTI, 2022)⁴

Coletti pontua ainda o forte compromisso com a história de um “um povo sem pátria” que se denota em “profundo senso de deslocamento geográfico” e “as marcas inapagáveis da opressão étnica”. “O épico familiar é transformado em uma jornada em direção à alteridade, à compreensão verdadeira do outro”, conclui o jornalista enquanto destaca as vivências das personagens, sobretudo, Sunja e Solomon, as quais podemos

³ Disponível em: <<https://www.rottentomatoes.com/tv/pachinko/s01>>

⁴ Disponível em: <<https://www.omelete.com.br/series-tv/criticas/pachinko-1a-temporada-apple>>

reconhecer e observar a complexidade do pertencimento em contextos marcados pela migração, pela apatridia e pelas heranças da colonização.

Sunja é vista como uma “pessoa sem pátria”, título reconhecido aos mais de 600 mil coreanos que ainda permaneceram no Japão ao fim da Segunda Guerra Mundial, de acordo com a própria série. Quando chega ao Japão, acompanhada de Isak (seu marido), ela presencia a hostilidade dos japoneses em relação aos coreanos, seja através de como as pessoas olham para ela no mercado, tratam-na com desconfiança, ou ao se referir aos coreanos como inferiores, marcando-os como outros indesejados no espaço urbano japonês.

Moradora de uma vila de trabalhadores coreanos - que estão no Japão para construir o metrô de Osaka - e não tendo outra opção senão aderir a trabalhos marginalizados, Sunja se torna vendedora de kimchi. Ali, ela e outras mulheres coreanas vivem o preconceito não apenas por serem estrangeiras, mas também por serem mulheres pobres. Em determinado momento, vemos um comprador japonês exigindo-a, com desdém, que não tocasse diretamente nos alimentos.

Já idosa, ao interagir com outros personagens que carregam uma vivência parecida com a sua, Sunja é lembrada da dor de uma vida que parecia ter ficado pra trás. Um medo que transborda ao olhar para seus descendentes, como Solomon, que tenta evoluir profissionalmente no mundo dos negócios, mas, com todas as localidades que carrega, não compreende, de fato, seu lugar.

Solomon trabalha em uma empresa japonesa que se apresenta como moderna e aberta, mas onde ele sente constantemente o peso de ser coreano. Após fechar um contrato importante, por exemplo, Solomon percebe que os colegas e superiores evitam incluí-lo nos círculos de confiança e nas celebrações. Ainda que nascido e educado no Japão, Solomon é tolerado enquanto útil, mas jamais plenamente reconhecido como um igual.

Ele se sente, ainda que recuse muitas vezes, e permanece como "outro" no ambiente corporativo - um estrangeiro mesmo em seu próprio país. A crítica de cinema e jornalista brasileira, Isabela Boscov, descreveu bem o personagem, ao destacá-lo como: “Um rapaz que transita com total fluência entre a cultura americana, coreana e japonesa, e, no entanto, se sente um estranho em todas elas”.

Embora de gerações distintas e contextos sociais diferentes, as duas personagens, a protagonista e posteriormente avó, Sunja, e o neto, Solomon, representam duas faces da experiência migrante coreana no Japão. Elas impulsionam, ao passo que caminham na narrativa, dúvidas e compreensões no que diz respeito às suas identidades e pertencimentos, atrelados à xenofobia e a discriminação étnico-racial intrínsecas às suas vidas.

As vivências de cada um dos personagens e os sentimentos por eles aflorados por meio de símbolos culturais e linguísticos, nos faz aqui, em um primeiro instante, pensar as articulações que emergem em *Pachinko* diante das experiências de reconhecimento e exclusão vividas por personagens migrantes e apátridas. O que emerge das experiências das personagens no que diz respeito ao pertencimento e exclusão em contextos marcados pela colonização, pela migração forçada e pela xenofobia estrutural? Ao passo que elas se aproximam de diferentes culturas e vivenciam momentos que ancoram as marcas da xenofobia e do racismo, eles permanecem, em alguma medida, deslocados, desajustados, não reconhecidos como plenamente "de algum lugar"; mas em que momentos eles são, sobretudo, localizados?

Metodologia

O trabalho propõe produzir uma reflexão a partir de uma abordagem qualitativa e interpretativa, acompanhada de uma fundamentação teórica que discute a xenofobia, a interseccionalidade e as representações sociais, da análise narrativa de um corpus composto pelos quatro primeiros episódios da primeira temporada de *Pachinko*, com foco nos dois protagonistas anteriormente apresentados. A escolha se justifica por esses episódios introduzirem os principais arcos narrativos, conflitos históricos e traumas intergeracionais vivenciados por eles e que marcam a série.

A reflexão parte das marcas relacionais entre os personagens e nos diálogos carregados de pessoalidade e sentimento, observando também gestos, silêncios e olhares como elementos de linguagem não verbal que revelam o grau de pertencimento e deslocamento identitário. Inclui-se, em paralelo, os marcadores utilizados na trama e que refletem nas ações das personagens, como o arroz, a música e a língua materna.

Assim, propõe-se uma exploração analítica, aplicando os conceitos elaborados pelos autores invocados, como Calderón e Sousa, a partir de elementos e cenas da série

vivenciados pelas personagens protagonistas e que tangem a discussão de pertencimento, racismo e identidade.

Pessoas migrantes e a xenofobia

Em seu artigo *La sutil xenofobia que negamos* (2021), Leticia Calderón denuncia a existência de uma xenofobia “sutil” ou negada, que opera não em formas explícitas de ódio, mas através de práticas cotidianas de indiferença, da invisibilização e da desumanização de migrantes- a autora alerta para os modos como a xenofobia opera de maneira velada, muitas vezes naturalizada, produzindo exclusões simbólicas. Para ela, a xenofobia é um fator que atravessa todo o processo migratório de maneira direta, desde a experiência inicial do deslocamento até cada etapa da mobilidade. Sua presença se torna ainda mais evidente nos momentos de contato entre as sociedades de origem e de destino, especialmente quando migrantes e comunidades de - suposta - acolhida, sejam permanentes ou temporárias, se encontram e interagem.

No entanto, Calderón entende que é algo para além do contraste entre “eles e nós”, sendo, na verdade, a negação do outro. Uma tentativa de diminuir a personalidade e autoestima exaltando a alteridade por meio da desqualificação do “oposto”. Em suma, a xenofobia:

É uma atitude hostil sustentada, sobretudo, pela ignorância - o que a torna ainda mais perigosa, pois a conduta xenofóbica não recorre a recursos mentais próprios para relativizar ou matizar o contraste, mas desqualifica o outro unicamente por aquilo que se atribui à sua nacionalidade. (CALDERÓN, 2021, p. 281, tradução própria)

Calderón propõe pensar a xenofobia como uma herança histórica “que sustenta a continuidade do racismo, reproduzido pelas próprias sociedades em seus contextos nacionais (Navarrete, 2016)” (p. 281), e que, no contexto migratório, se potencializa, servindo não apenas como justificativa para disfarçar atitudes ofensivas individuais, mas também como argumento legitimador de práticas criminosas.

No decorrer do seu trabalho, Calderón (2021) trabalha uma xenofobia estrutural, institucionalizada, e que se torna, de modo geral, legalizada. Essa prática torna-se cotidiana não só pela ignorância, mas por discursos e leis governamentais que tornam o processo migratório - para pessoas no México - ainda mais atrelado à xenofobia, e que é

ainda reforçada nos encontros, como ela propõe, entre aqueles que chegam e os que recebem.

No mesmo caminho, em "Mulheres imigrantes e suas representações em podcast: debates sobre gênero, xenofobia e insights interseccionais", Sousa (2022), ao analisar como as mulheres imigrantes são representadas no podcast “Mulheres Imigrantes”, considera que as mulheres em situação migratória enfrentam não apenas os desafios comuns à condição de imigrante, mas também violências específicas decorrentes de sua posição enquanto mulheres, muitas vezes racializadas e economicamente vulneráveis. Ela compreende, a partir de uma perspectiva interseccional, que gênero, raça, nacionalidade e classe se entrecruzam na construção das identidades migrantes; e destaca como os discursos midiáticos podem corroborar ou desafiar os estigmas que recaem sobre essas populações, especialmente mulheres.

Sousa (2022) demonstra, após articular com o que lhe é apresentado nos episódios do podcast, que a experiência migratória feminina está marcada por camadas sobrepostas de exclusão, agravadas pelo machismo, pelo racismo e pela desigualdade social. As narrativas evidenciam que a xenofobia não se manifesta apenas em formas explícitas de violência, mas também de modo sutil, por meio de atitudes, olhares, piadas e da própria invisibilidade social.

Ainda que trabalhe com mulheres brasileiras vivendo no exterior, dois pontos elencados por Sousa (2022) nos são interessantes, sendo: a violência exercida pelo olhar, que denota um “sentir-se estrangeira, sentir repulsa, nojo, sentir-se expulsa” (SOUSA, p. 157); e o preconceito estrutural, a partir da “naturalização das atribuições de trabalho adequadas à homens e mulheres, bem como qualidade e quantidades relacionadas”(SOUSA, p. 157). Para a autora, isso ganha ainda maior dimensão quando “a imigrante parte de países ‘periféricos’, afrodescendentes ou mulheres historicamente à margem da sociedade (Redin, 2020), imprimindo-lhe um estatuto subalterno” (SOUSA, p. 146).

Ao ler alguns depoimentos articulados por Sousa (2022) em seu trabalho, a partir de trajetórias contadas no podcast, as mulheres revelam um processo de conscientização sobre o lugar social que lhes é atribuído e sobre a maneira como suas identidades são lidas e limitadas pelo olhar do outro. Elas se reconhecem como “diferentes” não apenas

pelas características culturais, mas pela posição de estrangeira associada a preconceitos históricos e sociais.

Para além disso, se Calderón (2021) denuncia a xenofobia como um fenômeno estrutural e histórico, sustentado por práticas institucionais e discursos que a legitimam no cotidiano social e legal, Sousa (2022) aprofunda esse debate ao evidenciar como essa xenofobia opera de maneira interseccional sobre os corpos e trajetórias atravessadas pelos marcadores de gênero, raça e classe social.

Assim como Calderón analisa o caráter velado e naturalizado da xenofobia nos encontros sociais entre migrantes e populações locais, Sousa (2022) mostra, por meio dos relatos das mulheres entrevistadas, como essas violências simbólicas se repetem em olhares, piadas, atribuições de inferioridade e na própria invisibilização social. Ambas, portanto, reconhecem a sutileza perversa com que a xenofobia se manifesta, nem sempre por meio de agressões explícitas, mas, sobretudo, na manutenção de estereótipos, desigualdades institucionais e exclusões cotidianas normalizadas. O processo migratório, assim, não é apenas atravessado pela xenofobia estrutural, mas também pelas expectativas de submissão e pelo preconceito enraizado contra corpos racializados e nacionalidades periféricas.

Relação entre migração, xenofobia estrutural e as experiências de Sunja e Solomon em *Pachinko*

Ao articular as reflexões de Calderón (2021) e Sousa (2022) às trajetórias de Sunja e Solomon em *Pachinko*, torna-se possível compreender como as dinâmicas migratórias são atravessadas por formas naturalizadas e estruturais de xenofobia, que se atualizam e se perpetuam no cotidiano dos personagens. Como propõe Calderón (2021), a xenofobia não se limita a agressões diretas ou discursos de ódio explícitos; ela se manifesta cotidianamente por meio da indiferença, da invisibilização e da exclusão simbólica, sustentadas por práticas sociais e institucionais historicamente enraizadas. Essa violência velada se expressa de forma recorrente na série, tanto nas experiências de Sunja, enquanto mulher migrante e apátrida, quanto nas vivências de Solomon, mesmo ocupando uma posição de prestígio no Japão corporativo contemporâneo.

Nos quatro primeiros episódios, acompanhamos o retorno de Solomon ao Japão, após crescer e estudar na América. Ele é convocado pela empresa internacional em que

trabalha nos Estados Unidos, com a missão de comprar a propriedade de uma coreana, a senhora Han, residente no Japão desde a época de sua avó. A sua linhagem e fluência em ambos os idiomas - japonês e coreano, além do inglês - são os principais motivos que o fazem acreditar que seria possível fazê-la ceder a venda, o que proporcionaria a Solomon um crescimento na empresa.

Contudo, ao voltar para o Japão, Solomon se depara com tudo que havia deixado para trás, desde a vida crescida em território japonês, até a permanência dos costumes sul-coreanos em sua casa. E isso é intensificado quando tenta, em um primeiro contato, conversar com a proprietária do terreno pretendido pela empresa - Han se recusa a vender, independentemente do valor, pois entende que aquele patrimônio é fruto da luta de um povo, dos seus pais e familiares coreanos em um período tão difícil. Ainda assim, Solomon não desiste e, em uma segunda tentativa, leva sua avó, Sunja, para tentar convencer a proprietária de que aquilo é só um bem e que não traria aquelas pessoas de volta, pelo contrário, com o dinheiro, proporcionaria uma boa vida para seus descendentes.

Mas as coisas não ocorrem como esperado por Solomon. Durante a conversa entre as duas personagens, ele se vê em uma situação de fraqueza ao compreender a importância daquilo para a história delas e de sua família. Ali, em uma conversa à mesa, sua avó, Sunja, começa a chorar ao sentir o sabor do arroz de sua terra natal, servido pela personagem secundária. Esse momento a leva a querer voltar para a Coreia e ver como tudo está 50 anos após sua partida. Apesar de tudo, no que se segue da trama, a mulher concorda em vender sua propriedade ao ouvir Solomon dizer que aquilo é o preço que eles deveriam pagar como uma forma de retribuir tudo que lhes foi tirado [do povo coreano]. Mas a história não para por aí.

Em uma cena impactante, também no quarto episódio da série, a proprietária vai até a sala de reunião do enorme prédio da empresa em Tokyo e, em frente a todos os japoneses que ainda em 1989 exigem que ela fale em japonês, expõe para Solomon, em coreano, tudo que foi vivido por seus antepassados não tão distantes. É neste momento que o protagonista é confrontado com a ideia de que não pertence àquele ambiente e não é querido ali. Apesar de um cargo alto, no fundo, ele não é parte deles. E como afirma a senhora: é chamado de barata, assim como os coreanos eram no passado, no entanto, agora pelas costas. Ao ouvir todo o depoimento e se perceber sem forças, Solomon concorda e diz a ela para que não assine o contrato.

Como mostra Calderón (2021), há a permanência da xenofobia estrutural nas relações entre migrantes e sociedades de acolhida. Ainda que Solomon tenha acumulado capital cultural e social, o peso de sua origem e a imagem socialmente atribuída a ele enquanto coreano permanecem determinantes. Essa exclusão simbólica se revela nas pequenas e grandes situações: nos olhares, nas expectativas e nos limites impostos à sua mobilidade e pertencimento, ainda que ele precise ser lembrado disse por uma outra personagem que também compartilha dessa vivência.

De modo complementar, Sousa (2022) amplia a discussão ao incorporar a dimensão interseccional das violências migratórias. No caso de Sunja, a exclusão não se dá apenas pela nacionalidade, mas também por sua condição de mulher pobre e grávida em um contexto colonial. As múltiplas camadas de vulnerabilidade a atravessam, potencializando as formas de marginalização e restringindo ainda mais suas possibilidades de agência. Suas interações com outros personagens coreanos funcionam como expressão simbólica de resistência e pertencimento coletivo, mesmo sob intensa repressão. Essa experiência traduz o apagamento cultural e a tentativa de manutenção da memória e da identidade em meio ao deslocamento forçado e à opressão.

O percurso dos dois personagens demonstra como a xenofobia estrutural e interseccional opera, como alertam Calderón (2021) e Sousa (2022), tanto na reprodução das hierarquias coloniais quanto na atualização contemporânea dessas desigualdades. Enquanto Sunja busca reatar suas raízes e revisitar o território perdido, Solomon, mesmo educado em outra cultura e integrado a novas dinâmicas sociais, percebe-se aprisionado às mesmas fronteiras simbólicas que demarcam quem pertence e quem é permanentemente estrangeiro.

Nesse sentido, Pachinko dramatiza a persistência de processos de exclusão e a dificuldade de construção de um pertencimento pleno para os sujeitos migrantes e suas descendências. A série evidencia que as violências sofridas por esses personagens não são apenas individuais ou circunstanciais, mas expressão de estruturas históricas e sociais que continuam a organizar as relações entre nacionalidades, etnias e classes nos contextos migratórios.

As experiências de Sunja e Solomon, através de mobilizadores narrativos, como o arroz coreano que faz Sunja chorar, os olhares dos japoneses quando ainda era jovem, ou o desdém que é tratada em ocupações marginalizadas, retomam o processo migratório como

permeado por uma xenofobia estrutural e interseccional, manifestada tanto em agressões explícitas quanto em violências sutis e cotidianas, que reafirmam fronteiras simbólicas e identitárias.

Ambas as personagens se reconhecem como migrantes ou apátridas a partir de vivências que as tensionam para um reconhecimento de quem são, seja pela exclusão ou pelo pertencimento proporcionado pela interação por seus pares. A identidade por eles mobilizada, reforçada pelos marcadores de minoria social naquele contexto, os permitem se localizar e continuar, seja para se reconectar com o passado, seja para buscar outros ou novos lugares de pertencimento e reconhecimento.

Referências

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2006.

CHELIUS, Leticia Calderón. **La sutil xenofobia que negamos**: el caso de México. In: RAMÍREZ GALLEGOS, J. et al. (org.). (Re)pensando el vínculo entre migración y crisis. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Guadalajara: CALAS, 2021. p. 279-300. Disponível em: <https://biblioteca.clacso.edu.ar>. Acesso em: 20 maio 2024.

LEANDRO, R. (org.). **Vulnerabilidades, narrativas e identidades**. Belo Horizonte: Selo PPGCom, 2020. p. 91-108. Acesso em: 1 jul. 2024.

DE SÁ SOUSA, Irlanda Pires et al. **Mulheres imigrantes e suas representações em podcast**: debates sobre gênero, xenofobia e insights interseccionais. *Conhecimento & Diversidade*, v. 14, n. 33, p. 144-165, 2022. Disponível em: <https://revistaconhecimentoeodiversidade.com.br>. Acesso em: 1 jul. 2024.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 7. ed. Tradução de Pedro Elói Duarte. Petrópolis: Vozes, 2012.